

Surdos-
Mudos

Uma Luta em Silêncio Pela Participação

por Pedro Chaves

Eles têm um grande desejo: participar de forma mais efetiva de todas as atividades da nossa sociedade, fugindo do isolamento e da solidão. Querem provar sua utilidade. E para isto repletam escolas de orientação profissional e maior atenção por parte das autoridades. Todos estes assuntos eles estão debatendo, na sua Colônia de Férias, na praia de Capão da Canoa. Nas horas livres, jogam vôlei, cartas, pingue-pongue e tomam banhos de mar. Todos juntos. No domingo e na segunda-feira, pularam e brincaram, comemorando o Carnaval. São 286 pessoas, na sua maioria surdos-mudos, que não gostam de ser chamadas excepcionais e cuja única aspiração é conseguir o seu lugar, de fato e de direito, na sua sociedade, que é também a nossa.

NA COLÔNIA, A ALEGRIA

Há dois anos, a Sociedade dos Surdos-Mudos do Rio Grande do Sul (SSMRGS) inaugurou sua Colônia de Férias. As instalações são muito boas. Na parte da frente, um refeitório, que serve também de salão social (onde foram realizados os bailes de Carnaval). Depois, antes de passar para o prédio de 2 pisos, onde estão os quartos e apartamentos, existe um pátio interno, todo gramado, que serve também como cancha para vôlei e futebol de salão.

Nesta época, todos os anos, os associados da SSMRGS se reúnem lá. E vem também gente de outros países da América Latina. Agora, por exemplo, estão hospedados na Colônia 12 argentinos e 26 uruguaios, além de 8 presidentes de sociedades latino-americanas de surdos-mudos. O movimento é mais intenso devido às reuniões preparatórias que eles estão fazendo para a I Conferência Latino-Americana de Surdos-Mudos, que será realizada em Buenos Aires, de 20 a 24 de abril deste ano.

Os representantes de outros países estão satisfeitos e dizem que a Colônia de Férias da SSMRGS é uma iniciativa pioneira no mundo.

Levy Wengrower é o presidente da sociedade. É surdo, mas, através de exercícios especiais, conseguiu desenvolver a fala. Para ele, o local de veraneio era uma necessidade: "uma grande parte de nós se sente inibida em conviver com as demais pessoas. Em parte por se sentir injustamente considerada pelos outros como algo fora do comum. E também porque sente dificuldade em se fazer compreender. Na Colônia, todos estão reunidos. São iguais e não existem barreiras para o seu relacionamento e comunicação".

Na segunda-feira, houve festa na Colônia de Férias. Inaugurou-se o transformador próprio e foram hasteadas as bandeiras dos países que estão representados na reunião preparatória à conferência de Buenos Aires. O transformador foi emprestado pela CEEE, até abril deste ano, mas eles têm esperanças de que o Governo do Estado resolva doá-lo em definitivo.

DIFÍCIL ADAPTAÇÃO

Jane Elisa tem 22 anos. Nasceu em Montenegro e é surda-muda. Durante 9 anos estudou numa escola especial do Rio de Janeiro, aprendendo trabalhos manuais e domésticos. Ela está contente em Capão da Canoa. Joga, brinca, ri. Seus pais, Arseno e Ilsa Schoenell, dizem que na cidade tudo muda. Ela não gosta de sair. Dorme muito cedo. E só fica contente quando vem a Porto Alegre para visitar seus amigos surdos-mudos.

Egile também tem 22 anos e foi alfabetizada numa escola de Curitiba. Mas a leitura labial, que é muito importante no seu caso, ela aprendeu em casa mesmo, com sua mãe, dona Aurora. Egile tem duas irmãs: Verônica e Tágide. As três se dão muito bem, mas a situação muda quando Egile convive com outras pessoas. E seus pais dizem que ela também prefere, sempre, visitar seus amigos surdos-mudos. Por isto, eles procuram trazê-la, todos os anos, para a Colônia de Férias em Capão da Canoa.

São dois casos que servem para confirmar a afirmação de Levy. Os surdos-mudos desejam se entrosar com as demais pessoas. Mas sua inibição é grande, ainda mais quando se sentem olhados com curiosidade. Isto os afasta do grupo social e eles só voltam a participar das atividades comuns a qualquer pessoa, quando estão reunidos na sua sociedade. Brincam, jogam e conversam. Através de sinais, mas com a mesma animação de qualquer um de nós.

Roberto Mara é da Argentina, naturalizado brasileiro, e desde que a Colônia da SSMRGS foi fundada veraneia lá, com seus familiares. Ele aprendeu a conviver com os surdos-mudos, considerando-se com "o espírito de crianças mas raciocínio de adultos. Precisam de nossa compreensão e carinho. São pessoas comuns e não gostam de ser chamadas de excepcionais (hoje em dia este é um termo deturpado e que, geralmente, nos dá a impressão de pessoas com deficiências mentais). O que eles querem é participar".

O MAIOR PROBLEMA

Para Levy Wengrower, o maior problema dos surdos-mudos é o isolamento. E para terminar com isto eles precisariam de melhores condições, ou seja, escolas profissionais, possibilidades de emprego, além de uma cooperação especial das autoridades.

As escolas que existem para surdos-mudos, só dão assistência dos 7 aos 14 anos. Esta fase serve para adaptar a criança à sua condição e preparar sua alfabetização e exercitá-la na leitura labial. Mas, depois, é que começa a fase crítica. Embora tenha condições de se adaptar aos outros, o surdo-mudo se sentira isolado. Sem uma profissão, sem possibilidades de emprego, terminando por se sentir inútil. São raros os casos em que um deles consegue fugir desta situação. E assim mesmo, para isto, precisam lutar sozinho.

Vanderlei Palma dos Santos é um exemplo. Estudou no Rio, numa escola especial. Depois, ficou sem saber o que fazer, até que decidiu lutar contra o isolamento em que vivia. Observou o trabalho de seu primo e aprendeu o ofício de relojoeiro. Depois, conseguiu tirar um curso de desenho. Hoje, com 25 anos, sem esquecer as dificuldades que passou, está feliz: no dia 12 de março vai começar a trabalhar.

O presidente da SSMRGS diz que o caso de Vanderlei deveria servir de exemplo para certos pais, com grandes recursos, que têm filhos surdos-mudos e procuram escondê-los em casa, proibindo-os, mesmo, de frequentar a sociedade e conviver com outros surdos.

Todos estes fatos fazem com que os surdos-mudos se tornem cada vez mais unidos. Por isto, aqueles que conseguiram

terminar algum curso dão aulas para seus colegas. E uns procuram arrumar emprego para os outros.

Desta união surgiu a sede própria da SSMRGS, que deverá ser inaugurada, parcialmente, em maio deste ano. Será no Jardim Botânico e, entre outras coisas, terá uma escola de formação profissional. O que eles gostariam que acontecesse é que a verba federal que estão esperando fosse liberada, o que viria proporcionar uma ampliação da etapa a ser inaugurada.

OS PÉS COMANDAM A ALEGRIA

Mas Carnaval é época de deixar qualquer preocupação de lado. Assim, na segunda-feira passada, às 21h, todos eles ajudaram a retirar algumas mesas e cadeiras do refeitório da Colônia de Capão. Estava chegando a hora do baile. Uma experiência inteiramente nova para quem nunca assistiu ou imaginou. A eletrola foi colocada numa mesa, ligada a todo o volume. Depois, os primeiros pares vão tomando conta da pista. Demoram alguns instantes só. Com a sola dos pés bem grudada ao assoalho, para sentir a vibração. E então, depois de pegar o ritmo da música, é só sair pulando. Para extrair no revolado do samba toda a tristeza e toda a alegria. Quem está olhando, de fora, não vai notar nenhuma diferença. Talvez estranhe um pouco a falta de grandes ruídos. Mas a alegria é a mesma e os pulos também. E ao som de "Mamãe eu Quero", "Jardineira" ou "Máscara Negra" eles vão pulando e rindo, porque é Carnaval. Até o sol raiar. E Levy, cansado, diz que para o ano ele só deseja que a sociedade tenha recursos suficientes para contratar uma orquestra.



Eles estão treinando vôlei, para participar de uma olimpíada de surdos-mudos. Isto foi pela manhã. À noite, era Carnaval. Hora de alegria. E saíram pulando pelo salão.



Na Colônia de Férias, em Capão da Canoa, os surdos-mudos fogem do isolamento em que normalmente vivem. E o ping-pong é o jogo preferido pela maioria.